

Meu Tipo Inesquecível

Dolly Fogarty Staniszevska

MEUPAI foi guarda civil, um policial autêntico à moda antiga e parecia da cabeça aos pés aquilo que era. Dan Fogarty era homem alto, musculoso, de olhos azuis maliciosos e com uma capacidade de agir com decisão em casos de emergência e um coração tão meigo e sentimental quanto uma velha canção irlandesa.

Entrou para a Polícia de Nova York em 1895; quando afinal se reformou, com 19 anos de serviço, ostentava oito medalhas por atos de bravura. Além disso, ainda arranjava tempo para ajudar a organizar e dirigir a Banda de Música da Fôrça Policial de Nova York, servia de tambor-mor na banda de pífaros e tambores, ajudou a estabelecer o Fundo de Assistência às Viúvas e Órfãos, escreveu e produziu várias peças e argumentos de filmes tendo por tema a vida policial.

Meu álbum de recortes está cheio de tópicos sôbre papai, e não é difí-



cil descobrir por que os jornalistas gostavam tanto dêle. Suas façanhas davam excelentes reportagem e os caricaturistas tinham prazer em desenhar o seu nariz de irlandês, os grandes bigodes de pontas enceradas, que mamãe tôdas as manhãs frisava cuidadosamente com um ferro especial. Papai era um tipo de homem que com a idade de 12 anos tinha mêdo de nadar no rio com os outros garotos, mas aos 35 havia salvo seis pessoas de se afogarem. Não que fôsse um homem sem mêdo, mas simplesmente se recusava a ceder.

Um dia, vários anos depois de entrar para a Fôrça, o chefe de polícia mandou-o chamar ao seu gabinete: —Resolvi organizar um corpo de

ciclistas para dirigir o tráfego das carruagens. Você sabe andar de bicicleta?

—Tenho andado de bicicleta a vida inteira—respondeu papai, pregando uma grande mentira.

No dia seguinte papai entregou-se à dura tarefa de aprender a andar de bicicleta. “Parece um macaco de velocípede”, diziam os ciclistas elegantes vendo papai lutar para manter o equilíbrio. Mas no fim da semana êle já alcançava risonhamente os zombeteiros, prendendo um dêles por exceder o limite de velocidade de 12 quilômetros por hora.

Dan Fogarty tornou-se tão famoso por sua velocidade na bicicleta que era citado nas revistas de ciclismo em moda na época. Sua especialidade era de alcançar cavalos que disparavam. Um mês depois de sua nomeação para o Corpo de Ciclistas, êle viu um cavalo que puxava uma charrete com uma senhora e duas crianças espantar-se e desembestar. Cinco quarteirões adiante conseguiu alcançar o animal e agarrar as rédeas. O cavalo continuou correndo, arrastando consigo o homem e a bicicleta. Papai segurou a brida com uma das mãos, libertou-se da bicicleta e, com a outra mão, agarrou as ventas do cavalo, sufocando-o. Quando o animal parou, a bicicleta de papai estava em pedaços, a farda em farrapos. Além do mais, perdera um dente e tinha o corpo cheio de pisaduras. Mas os passageiros estavam sãos e salvos.

Parecia que o perigo vivia de emboscada, à espreita de Dan Fogarty.

Uma vez, quando viajava de bonde para casa, ao atravessar a ponte sobre o rio Harlem viu um operário cair do cais na água. Papai pulou do bonde, apitou para pedir auxílio e mergulhou no rio que ficava oito metros abaixo. Sentiu uma dor como de uma punhalada na coxa e compreendeu que batera em alguma coisa; lutou, porém, contra a corrente, alcançou o homem e agüentou-o à flor da água. Já então um grupo de socorro vinha do cais, num bote. Quando afinal foram arrastados para terra, tanto o salvador como o salvado estavam inconscientes. No hospital verificou-se que papai, tinha feito um grave corte na perna, provavelmente num cabo submerso.

Talvez papai arriscasse a vida pelos outros por gostar tanto de viver. Nunca fazia nada sem entusiasmo. Era um homem alegre, sempre com uma cantiga no coração. Quando se zangava, nunca ficava amuado, mas estourava numa raiva formidável, que abalava o teto e clareava o ar.

Para a sua casa e para os seus jamais trouxe o menor sinal da violência com que lidava lá fora. Eu já estava crescida quando descobri que êle era um herói famoso. Para mim, êle era apenas o extravagante e alegre sentimental, cuja chegada a casa nós esperávamos ansiosamente. Êle transformava logo a casa sossegada numa atmosfera cheia de calor e animação com o seu grito vigoroso:

“Annie, que tal uma xícara . . . ?”
o que queria dizer o café prêto e fumegante que mamãe sempre tinha

à sua espera. Içava-me a um dos seus largos ombros—eu era a caçula—e levava-me até ao armário, onde miraculosamente eu descobria um bom-bom na bôca do macaco de talha do móvel. E enquanto bebia o café, êle descrevia, para os meus ouvidos maravilhados, a Terra do Nunca Houve, com suas árvores que davam sanduíches de presunto e suas lagoas de limonada.

A música era tremendamente importante para êle. Compreendo hoje que deve ter sido uma grande decepção para êle o fato de nenhum de nós, seus filhos, haver aprendido a tocar o piano que êle comprou. Teve que se contentar em batucar êle próprio uma ou outra melodia de ouvido e com dois dedos. Desde o princípio se convenceu de que a Polícia deveria ter uma banda de música. Era uma vergonha, uma ignomínia, opinava êle, que Nova York—a maior cidade da América, o ponto de estacionamento natural de tôdas as celebridades que desembarcavam de ultramar—tivesse de sair à procura de uma banda de música de aluguel para receber os seus hóspedes ilustres. E, em 1901, selecionou dentro da Polícia 20 homens que, na sua vida pregressa, haviam tocado profissionalmente algum instrumento.

Assim que transpirou a notícia do projeto da banda, os jornais caíram sôbre êle. Apareceram caricaturas, onde se viam os policiais soprando furiosamente trompas, enquanto atrás dêles se cometiam assassínatos e se atropelavam pedestres. O público

deu razão à imprensa. Mas os organizadores da banda entusiásticamente prosseguiram em seus planos.

Os instrumentos e os uniformes tiveram de ser comprados à custa dos próprios músicos. Os ensaios eram nos dias de folga. Durante dois anos êles trabalharam discretamente, mas dentro da Polícia a reputação da banda crescia e mais homens se inscreviam nela. Papai era o diretor comercial e o tambor-mor. E em maio de 1903 a Banda da Polícia de Nova York, com 65 figuras, fêz a sua primeira aparição em público, ocupando o lugar de honra à frente do primeiro regimento na parada anual da Polícia.

A multidão delirou. Era a primeira organização dessa espécie nos Estados Unidos, e depressa a imitaram em todo o país.

Do Corpo de Ciclistas papai foi transferido para a direção da recém-organizada Patrulha Teatral. Foi nesse pôsto que êle travou conhecimento com os grandes do meio teatral e providenciava para que todos os víssemos e ouvíssemos. Eu tinha apenas três anos quando vi Sarah Bernhardt representando *La Sorcière*, mas lembro-me da advertência de papai, antes de se levantar o pano, para que ficasse de olhos bem abertos:

—Sei que a peça não é muito própria para você, querida, mas você nunca verá uma atriz igual a essa, de modo que olhe bem... e recorde!

Enquanto trabalhava na zona teatral, papai concebeu a idéia de

êle próprio escrever uma peça. A banda precisava de novos instrumentos e de novas fardas. E ocorreu a papai que a melhor maneira de obter dinheiro seria dar um espetáculo. Projetou um ato de variedades e uma peça de um ato tendo por tema a polícia. E, quando um repórter lhe perguntou quanto tempo levaria a escrever a peça, êle respondeu:

—Dois dias. Um dia de chuva, para ficar sentimental e botar no papel algumas coisas que vi, e depois um dia de sol claro para afastar a melancolia.

Quando se espalhou a notícia de que Fogarty estava preparando um espetáculo de benefício, os grandes nomes do teatro ofereceram-lhe cenários, material cênico e atôres profissionais. Papai aceitou os cenários, mas não os atôres.

—O pessoal ficará muito mais interessado se vir policiais de verdade fazendo papéis de policiais—predisse êle.

E tinha razão. A 4 de outubro de 1904 cêrca de 3.000 pessoas enchiam o Grand Central Palace para assistirem a uma peça que lhes apresentaria a vida real dos policiais de Nova York.

O espetáculo rendeu 3.000 dólares. Sendo mais do que o suficiente para os instrumentos novos e as fardas da banda, restou um pequeno fundo para outro sonho de Fogarty. Com grande freqüência morria algum policial no cumprimento do dever e não havia montepio para amparar os

seus dependentes. Papai sentia que essas viúvas e órfãos deveriam receber uma indenização. Discutiu o caso com o chefe de polícia, que o estimulou.

Novamente Fogarty se voltou para a arte teatral—dessa vez com uma fita de cinema descrevendo a vida de um polícia. Nova York inteira acompanhou a filmagem da película, através da reportagem dos jornais, ou como espectadores, no Central Park, ao longo do rio Harlem e da Quinta Avenida. Quando a fita foi exibida, atraiu multidões. O dinheiro correu a rôdo e ia direto para o mealheiro do Fundo de Assistência às Viúvas e Órfãos da Polícia de Nova York. O sonho de papai se tornara realidade.

Quando a justiça de Nova York resolveu experimentar uma teoria nova, segundo a qual os criminosos por delitos leves deveriam ficar em liberdade condicional, Fogarty foi o primeiro encarregado do novo serviço. Lam para as suas mãos os delinqüentes primários, os bêbedos ocasionais, os brigões domésticos. Chegou ao ponto de arranjar casamentos para evitar possíveis suicídios. Freqüentemente levava a cabo as tarefas que hoje os “Alcoólicos Anônimos” realizam com tanta eficiência, cuidando pacientemente das vítimas de alcoolismo crônico durante os estágios de solidão e perigo da sua recuperação.

Durante anos papai trouxe bichos para dentro de casa: cachorros sem dono, gatos, um bode, galinhas-

d'angola. Então começou a trazer pessoas:

—Acham que eu deyo ajudar êsse pessoal a se reabilitar—explicava êle —e isso quer dizer manterem-se num emprêgo. E é claro que eu não posso esperar que êles abandonem o emprêgo para me virem prestar contas!

E arranjava jeito de dar expediente em casa, de modo a fazer com que a chegada dos seus sujus e patéticos pupilos coincidissem com o jantar da família.

Em 1914, vários ataques do coração, associados à asma, obrigaram papai a pedir reforma. Recusava-se, contudo, a entregar-se à molestia. Se havia música, êle cantava. Se escutava uma valsa, pegava da môça mais próxima e punha-se a voltear pela sala. Agarrava-se teimosamente à delícia de estar vivo. Continuava a fumar, a despeito dos conselhos médicos, fumava quanto queria e comia de tudo o que gostava.

—Se a gente tem mêdo da vida, não vale a pena viver—dissera êle, muito tempo antes.

Na noite do seu 32.º aniversário de casamento papai saiu para a chuva, imediatamente antes do jantar, para comprar algumas flôres para mamãe. Durante a refeição ficou com o terno molhado, para não atrasar o jantar de festa trocando a

roupa. No dia seguinte estava com pneumonia. Na manhã seguinte faleceu. Foi como se o coração da casa houvesse parado repentinamente.

Nossa cozinheira negra, Hattie, ficou junto ao caixão. Beijou as pontas dos dedos e encostou-as à testa do morto, murmurando:

—Eu queria bem a êste homem.

Assim também lhe queriam todos os que o conheceram.

E por fim a banda da polícia, com seus bonitos uniformes—vistoso grupo de belos homens e belos instrumentos, que haviam sido a alegria de Fogarty—prestaram uma homenagem musical ao seu amigo e chefe.

E enquanto fiquei, ali ouvindo, lembrei-me da ocasião em que papai me sentou no armário de talha da sala de jantar, para que eu ficasse com os olhos à altura dos dêle e me disse, ameaçando-me com o dedo:

—Escute aqui, menina: nunca diga na minha frente: “Não posso.” Lembre-se de que nada é impossível quando a gente tem a coragem e o entusiasmo de tentar.

Eu poderia ter esquecido isso, como esqueci tôdas as frases feitas que se costumam repetir às crianças, mas guardei esta porque ela resumia a maneira de ser de papai. Êle nascera com o entusiasmo. E a coragem era o seu ofício.



Nada alarga tanto a entrada estreita da garagem como olhar para ela com uma pá de neve na mão. —David O. Flynn, em *The Saturday Evening Post*